

01

CADERNOS DE FORMAÇÃO

GRUPOS DE FORMAÇÃO

Uma (Re) visão da Educação do Educador



" Uma revolução, só se dá, só o é quando se dá na vida cotidiana, quando são atendidos revolucionariamente os carecimentos radicais. A revolução passa, portanto, pela subjetividade, pela participação. Por isso, a revolução é um processo lento e celular. Por isso, não se pode fazer a revolução visível sem a revolução invisível. Por isso, a constituição do pequeno grupo é um momento importante de passagem da particularidade para a individualidade e, portanto, para o próprio processo de mudanças sociais radicais ".

Maria Helena S. Patto, A Produção do Fracasso Escolar, tese de livre docência, USP, 1.987 - p. 27-28.

Sumário

. INTRODUÇÃO.....	7
. I - GRUPO DE FORMAÇÃO - A PROPOSTA.....	9
. II - O TRABALHO DESENVOLVIDO PELA DIVISÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL E ALFABETIZAÇÃO	15
. Grupo de formação de professores de educação infantil.....	16
. Grupo de formação de coordenadores pe dagógicos de educação infantil.....	18
. Grupos de formação de diretores de es colas de educação infantil	21
. Grupo de formação de coordenadores pe dagógicos e professores de 1ª série.....	25
. III - GRUPO DE FORMAÇÃO - AVANÇOS E DIFICULDA DES	33
. IV - ANEXOS.....	39
. Textos utilizados no trabalho.....	39
. Encontros teóricos realizados.....	44
. Encontros regionais	44

Introdução

A Instituição Escolar de modo geral e principalmente a escola pública têm recebido nas últimas décadas severas críticas quanto ao seu desempenho. Essas críticas recaem, em especial, sobre os altos índices de retenção e evasão escolar e a qualidade de ensino que ela oferece.

A superação desse quadro exige, em primeiro lugar, que a educação escolar de fato seja prioridade da administração pública; em segundo lugar, e como decorrência dessa priorização, que um esforço seja feito na busca de caminhos que levem à construção de uma nova escola que venha de fato atender às necessidades da população.

A elaboração de um projeto pedagógico articulado precisa ser norteado por uma concepção de educação vinculada aos interesses das classes populares, permitindo o resgate, a recriação da cultura popular, a apropriação do conhecimento sistematizado. Sua construção depende da participação efetiva de todos os envolvidos: pais, alunos, funcionários, professores, coordenadores, diretores e da competência profissional dos que trabalham na escola. O compromisso político com o aluno que frequenta nossas escolas deve nortear a construção cole

tiva desse projeto pedagógico que não será único para todas as unidades escolares, mas necessariamente deverá apontar na direção da transformação social.

Tendo isso como meta, a Secretaria Municipal de Educação vem desenvolvendo ações que visam à gestão democrática da escola, ao acesso e à permanência do aluno e um ensino de qualidade, não a qualidade do passado, mas aquela que, levando em conta as conquistas acumuladas, as reformula a partir de uma concepção mais profunda e consciente e das novas conquistas do saber pedagógico.

Nesse sentido, uma das principais frentes de trabalho da Secretaria Municipal de Educação tem sido a da formação permanente dos educadores da rede municipal. Dentro do programa de formação permanente vem sendo privilegiado o trabalho com pequenos grupos, aos quais demos o nome de grupo de formação.

O objetivo desta publicação é relatar, avaliar e submeter à discussão da rede municipal de ensino e de outras instituições ou pessoas interessadas o trabalho de formação desenvolvido pela Divisão de Orientação Técnica de Educação Infantil e Alfabetização da Secretaria Municipal de Educação em 1.989 e que está tendo continuidade em 1.990.

I - GRUPO DE FORMAÇÃO - PROPOSTA

Um dos princípios básicos do grupo de formação é o de que o sujeito constrói o conhecimento na interação com os outros através do estudo da prática de seu trabalho e da teoria que a fundamenta. Esse sujeito cognitivo, afetivo e social é uma totalidade que, imerso em seu trabalho, exercita o fazer, o pensar e o teorizar, pois não existe prática sem teoria. Todo educador faz teoria e prática.

Entretanto, a imersão no cotidiano da escola, caminhar solitário a que tem sido submetido o educador, pode resultar numa prática cristalizada que nunca se modifica e cuja teoria jamais é explicitada nem questionada. Romper com a anestesia da consciência alienada de si, do outro e da realidade é o desafio que no trabalho com pequenos grupos tem a possibilidade de ser enfrentado.

Nos grupos de formação o educador pode encontrar o espaço necessário para refletir sobre sua prática e seus conhecimentos. A teoria pode ser elucidada, resgatada, apropriada, na relação dialética com a prática. É fundamental que o grupo de formação possibilite ao educador retomar a sua história, percebendo quais as hipóteses que teve durante sua vida de educador, e no

que ele acredita hoje; quais são as contradições entre o seu pensar e a sua prática e entre o seu pensar e dos outros. O grupo de formação não é o único meio para o despertar da consciência do educador, mas é um meio para isso se dar de forma sistematizada. Partindo do trabalho diário significativo dos educadores, favorece a percepção do cotidiano dessa prática. No grupo, a diversidade de leituras do cotidiano apura o olhar para ver além das aparências. Nesse processo político de apropriação da consciência pedagógica fundamenta-se o processo de mudança. O educador percebe que faz prática e teoria. Com essa descoberta pode educar o próprio desejo e alicerçar sua opção. Ele pode querer e fazer mudança.

O grupo de formação oportuniza ao educador momentos de troca onde valoriza o ser social, afetivo, e cognitivo. É através dessa troca que o grupo irá se construindo, criando vínculos, permitindo que cada um resgate sua identidade pessoal e profissional, assumindo-se dentro e fora do grupo. Os conteúdos significativos emergidos em cada encontro, dado que nenhum grupo vive e cresce sem conteúdo, favorece a construção coletiva do conhecimento, a socialização do heterogêneo, a possibilidade de romper com posturas cristalizadas.

A construção do grupo se dá através da participação ativa, aberta e crítica de seus elementos. Essa

participação não pode ser autoritária nem espontaneísta. A ferramenta básica para essa construção é a rotina, não a rotina estática, mas viva, que organiza o tempo, que marca o ritmo, que exercita a constância das práticas necessárias para um trabalho produtivo e sistematizado. O educador deverá vivenciar no grupo o mesmo processo que queremos que propicie aos seus educandos. Educar-se numa concepção de mundo e de homem onde a relação ensinar - a prender se dá dinamicamente, onde a consciência é um processo contínuo, permanente, desafiador.

O grupo de formação tem, portanto, uma metodologia e é através dos instrumentos metodológicos que cada educador aprende a educar-se no seu ofício de ensinar.

Observação, registro, reflexão, síntese, avaliação e planejamento são os instrumentos metodológicos utilizados nesta proposta de grupo de formação. É preciso resgatar a observação consciente, iniciar o rompimento da anestesia do cotidiano, olhar para si, para fora, para os outros, colher os dados reais. A observação não é estática; é movimentada, reflexiva e planejada. Se o educador pauta o que está diagnosticando na sua observação, estará coletando dados fundamentais para a reflexão da sua prática e a construção do conhecimento. É através dela também que se resgata o registro, pois o educador deverá registrar o que observa. A observação registrada

possibilita a elaboração da síntese do encontro que vai escrevendo a história do grupo. Possibilita também a reflexão escrita, recurso metodológico exigente e valioso pelo qual todos têm a oportunidade de se resgatar enquanto produtores de conhecimento, já que o ato de escrever propicia a discussão interior, a interlocução com o outro, mesmo na ausência, a organização e a solidificação do pensamento. Ao elaborarmos a reflexão escrita, nos damos conta do que já sabemos e do que nos falta conhecer. Através do exercício da reflexão sobre a prática, tendo como desafio a socialização da mesma no grupo, o educador refaz seu processo de alfabetização ou seja, resgata através da escrita a importância da comunicação com os outros. Constata que a escrita é um ato social.

As reflexões de cada um, trazidas para o grupo, são ingredientes básicos para o trabalho. Possibilitam ao coordenador do grupo detectar os conteúdos que estão a exigir estudo e aprofundamento e os novos conteúdos a serem pesquisados e trabalhados.

A avaliação é o momento vital em que cada participante deverá manifestar-se sobre a dinâmica e conteúdos do encontro. Pela avaliação é possível perceber os pontos que precisam ser revistos, modificados, o que, de novo, precisa ser introduzido. É o ponto de partida para o planejamento, preparo conjunto do encontro seguinte,

instrumento imprescindível na execução de qualquer trabalho. Os instrumentos metodológicos ajudam a compreender o momento vivido pelo grupo, articular os conteúdos que nele emergem e construir a disciplina intelectual e profissional. Através deles organizamos a ação pedagógica que nos permite não apenas planejar e coordenar ações mas também enfrentá-las para a mudança, pois o importante não é somente pensar, refletir, mas transformar.

O grupo se alicerça portanto em tarefas práticas e teóricas sempre buscando a união entre teoria e prática. Essas tarefas têm por objetivo impulsionar o educador para um patamar mais avançado daquele em que se encontra, não só do ponto de vista da compreensão teórica, mas principalmente no que se refere à sua prática.

Finalmente, todo grupo necessita de um educador, uma autoridade democrática que coordene as ações do grupo, vá captando as contribuições dos participantes, acompanhando seus avanços, diagnosticando suas faltas, alimentando-o e colocando limites. O coordenador do grupo deve atuar como mediador, ajudando-o a identificar questões, conteúdos, temas para reflexão e subsidiando-o com novos conhecimentos. É da leitura que o coordenador do grupo faz das práticas e reflexões dos participantes que se torna possível explicitar conteúdos para estudos da prática e da teoria. É dessa leitura também

que nasce uma pauta significativa para cada novo encontro do grupo. O acompanhamento do estudo da prática de semboça no estudo teórico permitindo um movimento dialético entre prática-teoria-prática.

Para desempenhar essa função, o coordenador de verá estar sintonizado com o grupo e essa sintonia pressupõe o exercício cada vez mais acurado dos mesmos instrumentos metodológicos exercitados por todos os participantes do grupo. Deverá educar o olhar para ver além das aparências. Acompanhar o movimento do grupo, impulsionando-o para a busca da autonomia. Nesse sentido o coordenador do grupo deverá ser um educador aberto e disposto a reformular sua própria prática, sem no entanto abdicar de sua autoridade.

Essa proposta alimenta-se em várias fontes teóricas que têm em comum a crença na construção coletiva do conhecimento e cujas contribuições são muito importantes quando se tem como meta a educação de todas as crianças. Muitos são esses inspiradores teóricos. Citando alguns corremos o risco de esquecer outros igualmente importantes. No entanto, não poderíamos deixar de lembrar aqui os nomes de Paulo Freire, Madalena Freire Weffort, Pichon Riviére, Agnes Heller, Karel Kosik, A. Gramsci, Henri Wallon, Jean Piaget, L. S. Vygotski, A. R. Luria, Mikhail Bakhtin, Emilia Ferreiro, Ana Teberosky e Constance Kamii.

II - TRABALHO DESENVOLVIDO PELA DIVISÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL E ALFABETIZAÇÃO

Assessorada pela Professora Madalena Freire Weffort, a Equipe de Educação Infantil e Alfabetização da DOT coordenou em 1.989 grupos de formação permanente com o objetivo de possibilitar aos educadores da rede municipal reflexão sobre sua prática e sua reformulação pela construção coletiva de novos conhecimentos.

Divulgamos a seguir dados numéricos desses grupos:

Grupo de Formação Permanente

		Educadores Participantes	Grupos	Nº Total de Educadores
Professores	Educação Infantil		24	317
	PLANEDI *		07	98
	Classes Comunitárias **		10	130
	1ªs Séries		24	332
Coordenadores Pedagógicos	Educação Infantil		22	317
	1ªs Séries		22	332
Diretores de Educação Infantil			20	317

Total Geral = 1.843 Educadores

* Planedi : Classes de 3º estágio de Educação Infantil que funcionam em escolas de 1º grau.

** Classes Comunitárias: Classes de Educação Infantil mantidas por convênio entre Secretaria de Educação e comunidades organizadas, vinculadas a EMEIs.

Os encontros dos grupos de professores e diretores eram realizados mensalmente e os de coordenadores pedagógicos quinzenalmente. O trabalho teve início em maio de 89. Foram realizados em média 06 encontros de professores, 06 encontros de diretores e 12 encontros de coordenadores pedagógicos. Realizaram-se também alguns encontros com educadores convidados que abordaram temas relacionados com as preocupações dos grupos (ver relação em anexo).

Os diferentes grupos, embora tendo os mesmos pressupostos teóricos, estando alicerçados nos mesmos instrumentos metodológicos e tendo um eixo comum - a alfabetização - apresentaram muitas vezes diferenças quanto a conteúdos e ritmos.

Relatamos a seguir os conteúdos trabalhados nos vários grupos.

Embora muitas vezes os conteúdos e temas se repitam, optamos por manter os relatos separados para dar idéia mais fiel do movimento desses grupos.

GRUPO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Iniciamos os grupos de professores, bem como os de coordenadores, com o conteúdo a importância do ato de estudar, entendendo-se por estudar, não apenas apro

priar-se da teoria elaborada por outros autores, mas principalmente o resgate da teoria que está por trás da nossa prática e a construção de uma nova teoria e uma nova prática.

Um conteúdo forte, logo no início, foi a questão da identidade do professor, enquanto profissional, o que nos levou a refletir sobre o cotidiano do professor.

Essa reflexão sobre o cotidiano teve como ponto de partida a observação, o olhar para o espaço da escola de Educação Infantil, e da sala de aula.

Esse olhar para dentro da escola fez emergir conteúdos como:

- autonomia e heteronomia
- autoridade e autoritarismo
- relação professor - aluno

Esses conteúdos foram trabalhados sob a luz de uma concepção de educação onde o conhecimento é construído e jamais doado, onde o professor é um mediador capaz de realizar as intervenções necessárias e adequadas para que essa construção se torne possível.

No bojo dessa discussão vieram também os conteúdos curriculares da Escola de Educação Infantil, em torno do eixo alfabetização. Vieram os estudos sobre o desenho, o jogo, a construção da escrita pela criança.

GRUPO DE FORMAÇÃO DE COORDENADORES DE EDUCAÇÃO
INFANTIL

Os principais conteúdos trabalhados com coordenadores de Educação Infantil foram:

1. concepção democrática de educação (sócio - construtivista - interacionista) em contraposição a uma concepção autoritária (bancária e mecanicista);
2. o trabalho em grupos de formação como instrumento para construção do trabalho coletivo, fundamental dentro da concepção democrática de educação que vê o educador e o educando como sujeitos de construção do conhecimento, e essa construção se dando no coletivo;
3. resgate da história das escolas de educação infantil para reflexão da função que ao longo dos anos a EMEI, teoricamente e na prática, tem desempenhado na cidade de São Paulo;
4. resgate da função pedagógica das EMEIs articulada à política educacional proposta pela administração petista;
5. função do coordenador pedagógico: ação supervisora democrática, instrumentalizadora, que alicerça a construção do sujeito educador, em contraposição a uma

ação supervisora autoritária, fiscalizadora, que fragmenta e impede a construção da autonomia de cada educador enquanto sujeito de sua prática pedagógica;

6. reorientação curricular nas EMEIs - necessidade de uma revisão das programações de 85 e 88 à luz da concepção construtivista de educação, meta de trabalho para 1.990;

7. as relações de autoridade dentro da EMEI como básicas para a estruturação de um trabalho construtivista no grupo escola e no grupo classe; a importância do planejamento participativo;

8. planejamento participativo-anual, semestral, bimestral, mensal e diário como norteadores e ao mesmo tempo resgatadores da prática numa relação dialética que os transforma;

9. a relação entre iguais, como fundamental na construção da linguagem e do conhecimento, onde o sujeito se constrói através do confronto de pontos de vista; a escola como lugar privilegiado da construção coletiva;

10. a importância da organização do espaço da ação educativa tanto em termos físicos e materiais como humanos - autoridade, relações entre os pares, relações do próprio sujeito com o mundo físico-cultural - para que a educação sócio-construtivista se concretize na prática;

11. a leitura e a escrita do mundo da criança de 2 a 6 anos, ou seja, a construção da capacidade de representação como eixo central do trabalho da pré-escola;

12. a evolução da leitura e escrita através de indícios e símbolos até chegar ao signo cultural e coletivo (linguagem escrita e sistema decimal de numeração);

13. o desenho e o jogo como primeiras formas de leitura e registro da criança, instrumentos fundamentais da construção da capacidade de representação que possibilitam a estruturação e interiorização da ação em forma de pensamento.

Esses conteúdos foram trabalhados tanto a partir de questões que emergiam do próprio grupo como de um eixo norteador de trabalho planejado a partir da leitura que nós da equipe de educação infantil tínhamos da realidade das EMEIs, assim como das prioridades político/pedagógicas que foram traçadas pela administração visando à construção de uma escola pública democrática.

Uma das preocupações mais fortes nesses grupos e que permeou o tempo todo as discussões político-pedagógicas foi a questão da precariedade do atendimen

to em período integral*, mostrando a urgência de repensá-lo.

GRUPO DE FORMAÇÃO DE DIRETORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL

- Grupo de Formação para quê?
- Formar o quê?

Essas perguntas, bastante significativas, colocadas no momento de avaliação de um dos grupos, serão utilizadas neste documento como fio condutor para o relato do que foi o grupo de formação com os diretores de escolas de educação infantil.

A desconfiança e o enfrentamento foram as atitudes que mais marcaram as reuniões iniciais. De um lado, grupos de diretores prontos para defenderem suas posições e colocarem-se contra a administração e de outro as coordenadoras dos grupos de formação vistas como a encarnação viva da administração e do poder superior.

O primeiro desafio estava lançado; a conquista da confiança mútua. Iniciava-se também o nosso exercício de educadores nos grupos e com os grupos. Empenhar esforços para que as relações entre as pessoas fossem verdadeiras, sinceras e inspiradoras de confiança exigiu de

* forma de atendimento em que as crianças permanecem de 8 a 12 horas nas EMEIs.

cada um, em todos os grupos, uma dose imensa de paciência e persistência.

Esta etapa, difícil de ser vivida nos grupos, permitiu no entanto dois bons resultados:

- perceber e se dar conta das relações autoritárias presentes no enfrentamento dos problemas: " Eu aprendi neste grupo que quando alguma professora me faz uma pergunta, um grupo de pais me traz um problema, eu não preciso dar a resposta na hora, não tenho que ter a solução pronta ". (diretora)
- descobrir que as pessoas podem falar e fazer críticas sem serem agredidas e punidas por isso; aprender a ouvir a fala do outro e juntos discutir o encaminhamento dos problemas. " O modo como você lidava conosco e encaminhava o trabalho, me ensinava e ajudava muito quando voltava pra escola ". (diretora)

Inicialmente, vinham para uma reunião, como diretores, atendendo a uma convocação da Administração. Com o passar do tempo, uns mais cedo que outros, começaram a vir, como educadores, aos encontros do grupo. Certamente que alguns continuaram diretores sempre, enquanto outros, a cada encontro, se descobriam mais como educadores-diretores.

A partir do 3º encontro, o trabalho nos grupos, de um modo geral, melhorou e cresceu bastante. A

participação e frequência foi bastante satisfatória, havendo casos de diretores mesmo em férias comparecendo aos encontros.

E nestes grupos de pessoas se descobrindo ou se redescobrindo como educadores, o primeiro passo necessariamente foi o resgate da oralidade. As reflexões por escrito eram poucas, mas a fala revelava muitos conteúdos. A partir da fala pôde-se levantar aspectos da prática pedagógica que propiciaram momentos muito ricos de reflexão nos grupos: a fila das crianças, a utilização ou não de cadernos com as crianças, a participação dos pais na escola, o Conselho de Escola, as festas na escola, relação com as crianças, o trabalho dos professores com as crianças. O falar sobre a prática pedagógica sem dúvida começou a despertar esses educadores para a observação e o registro. A escola começava a ser olhada com um olhar novo, inquieto, questionador, curioso, criativo. Olhar e descobrir que o cotidiano não é uma coisa estática, mas sim que tem uma história e uma dinâmica para ser lida e revelada foi talvez o melhor resultado do trabalho nestes grupos. Claro que ainda há muito a ser aprimorado neste olhar mas é este novo olhar voltado para a escola e para a prática pedagógica que está criando a vontade de escrever, o desejo de registrar o pensamento. Começa-se a perceber a passagem do sujeito falante para o sujei

to escritor e leitor da teoria e da realidade.

Através dos seis encontros realizados com a da grupo foi possível levantar e trabalhar os seguintes conteúdos:

- Concepção de educação
- Formação permanente do educador
- Autoridade e autoritarismo
- Gestão da escola
- A escola de educação infantil: função pedagógica
- A criança das escolas municipais de educação infantil
- Interação entre desenvolvimento e aprendizagem
- Avaliação e planejamento

A abordagem dos 4 primeiros itens não foi tranquila nos grupos e provocou muitas reações de defesa e mágoa. O sentimento de desconfiança reinante nos primeiros encontros fez com que alguns interpretassem como formas indiretas de se criticar os diretores e de não reconhecer nenhum valor no trabalho que desenvolviam nas escolas. Contudo, incluir estes conteúdos no trabalho, se por um lado foi conflituoso, por outro lado mostrou o quanto era necessário discuti-los e analisá-los.

E ainda, criaram o suporte para a boa receptividade e os resultados satisfatórios ao se abordar os outros itens.

Ao final do trabalho em 1.989, as perguntas colocadas no início foram respondidas pela maioria dos educadores de todos os grupos ao reivindicarem a continuação do trabalho de 1.990.

GRUPO DE FORMAÇÃO DE COORDENADORES E PROFESSORES DE 1ª SÉRIE

Conteúdos

1)- Construção do grupo

O trabalho no grupo de formação nos colocou diante de um fato: não estamos habituados a viver em grupo, a construir o conhecimento coletivo. A dificuldade de se expor, de se colocar, de socializar conhecimentos e dúvidas no grupo retornava com muita frequência em alguns grupos impedindo a construção do vínculo tão importante para o seu avanço. A construção do grupo foi portanto tema de muitos encontros. Dentro desse tema reforçou-se a necessidade do outro para a construção ou o resgate da própria identidade, a importância do grupo heterogêneo, da convivência com as diferenças. Discutiu-se também o papel do conflito e da contradição como geradores de conhecimento. Fez parte desse tema também o valor

dos instrumentos metodológicos, da tarefa e dos estudos teóricos para alicerçar o grupo. Destacou-se ainda a necessidade de uma relação de confiança entre os participantes do grupo e a responsabilidade de todos na sua construção.

2)- Concepção de Educação

Esse tema possibilitou explicitar o quanto nossa ação tem sido embasada numa concepção autoritária de educação onde o conhecimento é tido como uma verdade a ser revelada, um conjunto de idéias a serem consumidas. Nessa concepção busca-se a homogeneidade, privilegia-se o produto e não o processo. O educador é um transmissor de conhecimento ao mesmo tempo onipotente e impotente. Alicerçada no medo e no autoritarismo, reforça a heteronomia e sonha com o aluno ideal.

A essa concepção autoritária procurou-se contrapor uma concepção democrática em que o conhecimento é constituído de sínteses provisórias construídas pelo sujeito social e historicamente situado, onde existe espaço para criação e recriação de idéias. Nessa concepção lida-se com a heterogeneidade, valoriza-se o processo e o produto. O educador é um mediador que busca a transformação conhecendo os limites da realidade. Essa concepção está alicerçada na autoridade democrática, lida com o aluno real e busca a construção da autonomia mo

ral, política, afetiva e intelectual.

A construção da autonomia foi um dos temas mais fortes no grupo de professores; nessa discussão a questão da disciplina na escola emergiu e pôde ser discutida em profundidade.

3)- Concepção de Linguagem

Dado que o trabalho com o grupo de coordenadores pedagógicos responsáveis pelas 1^{as} séries tinha como eixo principal a alfabetização, a concepção de linguagem foi um conteúdo significativo que permeou praticamente todos os encontros. O ensino de Português, desde a alfabetização, e também a forma como se avalia a criança ao final da 1^a série estão intimamente relacionados com a concepção de linguagem que se tem.

Com relação à linguagem, tem embasado nosso trabalho a concepção interacionista, ou seja, é na interação verbal que a linguagem se constitui enquanto tal. Ela se torna significativa quando utilizada pelos sujeitos para compreender e atuar sobre o meio em que estão imersos, para se dar a conhecer ao outro, numa contínua negociação de significados. Assim sendo, acreditamos também que é na interação verbal que adquirimos esta linguagem, quer na modalidade oral, quer na modalidade escrita.

Entendemos que a função do ensino de Portug

guês, na escola de 1º grau, é garantir ao aluno o acesso à variedade culta da língua especialmente na modalidade escrita, sem com isso desrespeitar a variedade que ele já domina na modalidade oral.

4)- Alfabetização

A partir do levantamento da realidade das práticas alfabetizadoras dos professores da rede, pudemos discutir e contrapor essas práticas à luz da concepção interacionista de linguagem, bem como de uma concepção construtivista de conhecimento.

Esse tema trouxe a necessidade de estudarmos a psicogênese da língua escrita, o que para vários elementos dos grupos constituiu aprofundamento e sistematização e para outros uma iniciação.

Os principais conteúdos elencados tanto no grupo de coordenadores como no de professores dentro desse tema foram:

- . respeito ao modo de falar da criança;
- . função social da escrita;
- . leitura e escrita significativas;
- . diferença entre a alfabetização e ortografia;
- . o erro construtivo;
- . as hipóteses da criança sobre a língua escrita;

- . o ambiente alfabetizador;
- . práticas que aproximam a criança da lín
gua escrita;
- . alfabetização e cartilha;
- . a continuidade da alfabetização na série se
guinte.

Destacou-se também a importância do professor dispor-se a ser escriba dos seus alunos e resgatar - se como leitor e produtor de textos escritos.

Além das questões específicas da alfabetização outras mais foram discutidas, tais como:

- . avaliação diagnóstica e classificatória;
- . classes homogêneas e heterogêneas;
- . remanejamento de alunos;
- . o período preparatório para a alfabetização;
- . classes especiais;
- . a importância da interação grupal na alfabe
tização;
- . o fracasso e a inculcação de incompetência.

5)- Papel do Coordenador Pedagógico

Um dos aspectos que mais envolveu os coordena
dores pedagógicos nas discussões foi a questão do seu
papel na escola. Muitos eram inexperientes, outros, em
bora há mais tempo na função, viam sua ação pedagógica
pulverizada em mil afazeres burocráticos ou assistenci

ais. Quase todos sentiam-se angustiados, desrespeitados, sem terem claros os contornos de sua função.

Duas tarefas propostas por nós permitiram que esta situação fosse desvelada primeiro e discutida depois. " Perceber o que causava agonia e o que causava prazer nas suas tarefas diárias " e " registro diário da rotina ".

O fato de que a escola é uma realidade bastante complexa mostrou a necessidade de estabelecer prioridades e concentrar a atividade em alguns projetos. Assim sendo, trabalhamos no sentido de que o coordenador ocupasse o espaço pedagógico na escola, assumindo a formação dos professores como sua função primordial. Os grupos de formação nas escolas foi a possibilidade de concretizar essa função. Em setembro/89 atendendo à reivindicação das Coordenadoras Pedagógicas no sentido de terem um espaço na escola para trabalhar com os professores, a SME autorizou a realização de grupos de formação na escola, fora do horário de aulas do professor, com remuneração.

Na esteira dos grupos de formação vieram os encontros regionais de educadores e outras tantas ações que nos mostram que a construção do conhecimento se dá no coletivo e não tem fim.

6)- O Papel do Professor

O que temos percebido através da história da prática alfabetizadora de nossos professores, é que frequentemente eles são apontados como vilões ou vítimas do fracasso escolar.

No trabalho com os grupos de formação permanente procurou-se envolver os professores num projeto de mudança do seu trabalho pedagógico cotidiano.

A participação no grupo de formação permanente, criou para o professor a possibilidade de ir paulatinamente se "desprendendo" daquela tradicional postura de "dono de saber" e construindo a imagem do elemento mediador do aprendizado da leitura e escrita na sala de aula.

Esse novo papel procurou colocá-lo numa postura de observador não apenas da aprendizagem das crianças, mas também do seu próprio processo de mudança - desenvolvendo um olhar para seu próprio trabalho, de forma a confrontá-lo, discuti-lo com seus colegas não só do grupo de formação, como da escola em que trabalhava.

Dessas discussões, foram surgindo temas significativos para reflexão sobre as dificuldades que encontram esses educadores, a fim de aprofundar seus conhecimentos e mesmo mudar algumas posturas que estão em desacordo com uma educação democrática e séria.

Ao mesmo tempo, fomos buscar as contribuições de teóricos contemporâneos das diferentes áreas do conhecimento e comparamos suas descobertas com os conhecimentos que o grupo apresentava. Dessa inter-relação teoria/prática, velho/novo, deverá resultar a criação coletiva de um novo e mais sólido saber e de uma prática mais coerente e consistente.

III - GRUPO DE FORMAÇÃO - AVANÇOS E DIFICULDADES

Os grupos de Formação representam um avanço em relação a cursos e treinamentos porque possibilitam um mergulho no cotidiano, na prática do dia a dia, nas crenças, preconceitos e ideologias que povoam o senso comum. Diferentemente de um curso onde em geral todos os conteúdos estão dados a priori, onde o espaço para o falar e ouvir não é dado igualmente a todos os participantes, o grupo de formação parece ser o caminho mais coerente se acreditamos que o educador está vivo e pode ser resgatado enquanto sujeito de sua prática. O grupo de formação, ao contrário de um curso, exige que o participante esteja inteiro no grupo e que não se omita, enquanto num curso ele pode ter um papel passivo ou uma participação superficial. A reflexão sobre o trabalho, o alimento teórico como decorrência da necessidade advinda desse fazer, a tarefa como meio de união entre teoria e prática, o exercício de instrumentos metodológico como construção da autonomia profissional e intelectual são experiências que um curso, por mais planejado, sério e consistente jamais possibilita. Não queremos com isso dizer que os cursos não são válidos. Acreditamos que todos os meios de aperfeiçoamento profissional e intelectual são válidos se realizados com serieda

de. No entanto, a formação, tal como a concebemos, exige muito mais de educadores e educandos do que o esforço em preendido em um curso ou treinamento.

Por isso e por inúmeras outras razões, o grupo de formação é também um caminho muito mais difícil.

No desenvolvimento do nosso trabalho, uma das principais dificuldades foi romper com a resistência das pessoas para se colocar, expor suas práticas e idéias. Essa resistência é perfeitamente compreensível, conside rando-se que esse educador vem se deparando a cada época com novos modismos pedagógicos e a cada nova administra ção com diretrizes diferentes e muitas vezes contraditó rias às que passaram.

A relação de confiança entre os participantes do grupo ia se construindo lentamente e enquanto isso ha via os que se omitiam, os que se colocavam apenas super ficialmente, os que falavam muito e diziam pouco.

Os participantes novos em seu ofício ansiavam encontrar no grupo de formação as fórmulas mágicas que imediatamente lhes permitissem desempenhar bem o seu pa pel. Depois de alguns encontros, como a receita não vi nha, emergia o conflito, a ansiedade, o desânimo.

Aqueles que já acumulavam experiências no seu trabalho e foram chamados a rever a sua prática sentiam-se mexidos e receosos de que teriam que jogar fora tudo

o que vinham fazendo.

Isso refletia toda uma educação autoritária da qual somos o resultado, onde o conhecimento pronto e acabado nos é doado por quem sabe mais e onde o erro é severamente punido. Tal situação exigia de quem estava coordenando o grupo a habilidade de trabalhar essas resistências e conflitos ao nível do pedagógico, pois eram conteúdos fundamentais se queríamos que nossos educadores modificassem sua prática.

Como não ceder à tentação de dar receitas? Como não transformar o grupo de formação num curso? Como não deixar que ele se transformasse num espaço de reivindicações ou num " muro de lamentações "?

Para lidar com essas dificuldades contávamos com o nosso próprio grupo na DOT e com a orientação da Prof^a Madalena Freire Weffort. Contávamos também em quase todos os grupos com educadores que já vinham desenvolvendo um trabalho fundamentado na concepção construtivista-interacionista de conhecimento e socializavam suas práxis, sendo informantes do grupo.

O exercício dos instrumentos metodológicos foi um ponto de resistência e conflito em vários grupos. Ouvir o que o outro tem a dizer, registrar, opinar, eleger um tema para reflexão, socializar para o grupo, avaliar e ajudar a planejar os encontros exige muito de ca

da participante. Todos são responsáveis pelo grupo.

Nosso olhar não foi educado para observar. Também não temos o registro como instrumento de apropriação de nossa história. Assim, também não sabemos sobre o que refletir, o que dizer, o que escrever. A reflexão sob a forma de registro escrito é um recurso metodológico extremamente valioso mas muito exigente. Primeiro, porque não temos como prática escrever sobre nossos pensamentos e ações e muito menos comunicá-los de forma mais organizada aos outros. Para a maioria de nós escrever lembra as aulas de redação da escola, a obrigação de escrever, o medo da censura e da gozação dos colegas, os comentários de nossos professores, a correção em vermelho sobre o nosso texto. Sentir prazer em escrever e mostrar o produto de nossa escrita é ainda algo a ser conquistado pela maioria das pessoas. Ao ler para o grupo a reflexão feita arriscamo-nos e isso causa medo e angústia, principalmente quando o grupo ainda não nos parece confiável.

As reflexões escritas, não obstante terem sido um dos pontos de maior resistência e conflito, foram também aquelas que propiciaram momentos gratificantes quando, depois de vários encontros, ao ouvir as reflexões dos colegas ou ao ler suas próprias reflexões, os olhos brilhando como criança, ouvíamos alguém dizer:

" olha, como estamos escrevendo bem ". O educador ia se apropriando de um de seus mais importantes instrumentos de trabalho.

O principal desafio, no entanto, é a transformação da prática. Já temos alguns indícios de que essa prática começa a mudar. Algumas ações ocorreram em 89 nesse sentido. Uma delas foi o grande entusiasmo pelo grupo de formação na escola. Apesar de ter sido autorizado depois do início do 2º semestre, época em que os professores já estão bastante cansados, 314 das 332 Escolas de 1º grau e 266 das 317 EMEIs, organizaram seus grupos e no final do ano solicitavam continuidade desse trabalho.

Outra ação foi a realização de 4 encontros regionais com professores de 1ªs séries, por iniciativa de coordenadores e professores da rede com o objetivo de divulgar trabalhos e trocar experiências.

Com relação às primeiras séries, o que pudemos observar no final do ano foi uma postura diferente em relação ao erro do aluno, o que provavelmente teve influência na queda dos índices de retenção de 30,12% para 26,93%. Havia também um questionamento da cartilha como principal instrumento de trabalho do professor. No início deste ano de 90, pudemos constatar uma diminuição do número de escolas fazendo período preparatório

para alfabetização e também remanejamento de alunos. Por outro lado, notamos que em um número maior delas os professores de 1ª série estão trabalhando com produção de texto desde o início do ano.

Quanto às EMEIs pudemos perceber um avanço na elaboração do planejamento do trabalho, no sentido de maior participação dos elementos envolvidos. O pedido de aprofundamento das questões, o querer saber mais, um maior empenho no exercício dos instrumentos metodológicos, um movimento de trazer para o grupo o relato de suas atividades na escola são indícios de que esses educadores começam a mudar.

Sabemos que muitas escolas já haviam iniciado esse movimento para a mudança e que ela não se deve exclusivamente ao trabalho de formação por nós desenvolvido. Entendemos, no entanto, que o grupo de formação vem alimentando e alicerçando essa mudança, e quem sabe, provocando naqueles que estavam acomodados o desejo de rever sua prática e educar sua paixão de educar.

IV - ANEXOS

Relação dos textos utilizados nos grupos de formação
em 1.989

Grupo de formação de professores, coordenadores pedagógicos e diretores de Educação Infantil

- 1 - Trabalho de Educação Permanente - grupo de formação - DOT Educação Infantil e Alfabetização, São Paulo, SME/DOT, 1.989.
- 2 - Freire, Paulo, " Considerações em torno do ato de estudar ", Ação Cultural para a Liberdade e outros Escritos, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1.984.
- 3 - Freire, Paulo, Educação - " O sonho possível " , in Brandão, C. R. (organ.) O Educador - vida e morte, Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1.985.
- 4 - Freire, Madalena, " Espaço e vida " , São Paulo, SME/DOT, 1.989.
- 5 - Freire, Madalena, " Pensando sobre a Observação, São Paulo, SME/DOT, 1.989.
- 6 - Freire, Madalena, " O velho e o novo, São Paulo, SME/DOT, 1.989.
- 7 - Por que o desenho - síntese elaborada pela equi

- pe de Ed. Inf. a partir de Louwenfeld, V. e Brittain, W. L. Desenvolvimento da Capacidade Criadora, São Paulo, Mestre Jou, 1.970.
- 8 - Pré - esquema, idem
- 9 - O Desenho é Linguagem - síntese elaborada pela equipe de Ed. Inf. a partir de Moreira, Ana Angélica, O Espaço do Desenho - a educação do educador, São Paulo, Loyola, 1.987.
- 10 - Ferreiro, E. " A Representação da Linguagem e o Processo de Alfabetização ", São Paulo, Fundação Carlos Chagas, Caderno de Pesquisa, fev/1.985.
- 11 - Tiriba, Léa, " Porque Escolas Comunitárias " , Rio de Janeiro, Revista Tempo e Presença.
- 12 - Lima, E. Souza, " O Papel do Jogo na Construção do Pensamento da Criança, Ciclo Básico em Jornada Única, São Paulo, CENP - SEE, 1.988.
- 13 - Makarenko, A. S. " Disciplina ", Conferência sobre Educação Infantil, São Paulo, Ed. Moraes, 1.981
- 14 - Kamii, C. G. D. " Autonomia como finalidade da Educação " (segundo Piaget), Reinventando a Aritmética - Implicações na teoria de Piaget,

- 15 - Paro, V. H et al ; A Escola Pública de Período Integral - Universalização do ensino e problemas sociais, São Paulo, Cortez Ed., 1.988.
- 16 - Vygotskii, L. S. " Interação entre aprendizado e desenvolvimento " , Formação social da Mente, São Paulo, Martins Fontes, 1.988.
- 17 - Ferreira, F. W. Planejamento Participativo - possível ou necessário? " Revista de Educação Brasília, AEC.

Grupo de formação de professores e coordenadores de 1ª série.

- 1 - Trabalho de Educação Permanente - grupo de formação - DOT Educação Infantil e Alfabetização , São Paulo, SME/DOT, 1.989.
- 2 - Freire, Paulo, " Considerações em torno do ato de Estudar " , " Ação Cultural para a Liberdade e outros Escritos, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1.984.
- 3 - Arroyo, M. e outros, " Subsídios para A Praxis Educativa da Supervisão Educacional", in Bran

- ...ção, C. R. e outros, O Educador - Vida e Morte, 6ª edição, Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1.985.
- 4 - Abaurre, M. Bernadete, " A propósito de Leitores e Escribas ", Revista Idéias, São Paulo, FDE, 1.988
 - 5 - Weisz, Telma, " Como se aprende a ler e escrever ou prontidão um problema mal colocado, in Ciclo Básico, São Paulo, CENP/SEE, 1.988.
 - 6 - Weisz, Telma, " As Considerações da Psicogênese da Língua Escrita e algumas reflexões sobre a prática educativa de Alfabetização ", in Ciclo Básico em Jornada Única, Vol. 1, São Paulo, FDE/CENP, 1.988.
 - 7 - Garcia, R. Leite, " Caminhos e Descaminhos na Alfabetização ", in Educação e Sociedade, São Paulo, Cortez Editores, dezembro/87.
 - 8 - Luckesi, Cipriano C., " Alfabetização Educacional Escolar: para além do autoritarismo ", São Paulo, Revista Ande nº 10 e 11, 1.986
 - 9 - " A questão da Ortografia " - síntese elaborada pela equipe de alfabetização, a partir de textos de Luiz C. Cagliari, Maria Bernadete Abaurre e Terezinha Nunes Carraher, DOT/CONAE/SME, 1.989.

- 10 - Critérios de avaliação das 1^{as} séries - documento elaborado pelas equipes de alfabetização de DOT/NAE, São Paulo, SME 1.989.
- 11 - Kamii, C. G. D. " Autonomia como finalidade da educação " (segundo Piaget), Reiventando a Aritmética - Implicações na teoria de Piaget, Campinas, São Paulo, Papirus, 1.988.
- 12 - Grilo, R. A. " A Questão da Autonomia X Heteronomia e o Compromisso Profissional ", São Paulo, SME/DOT, 1.989.
- 13 - Teberosky A., " Construção de escritas através da interação grupal ", in Processo de Leitura e Escrita - novas Perspectivas; Artes Médicas - Porto Alegre - 1.989.

Dados numéricos de 1.990 Educadores participantes		Grupos	Nº total de educadores
Professores	Educação Infantil e Classes comunitárias	73	951
	Planedi	06	98
	1 ^{as} e 2 ^{as} séries	93	1328
Coordenadores Pedagógicos	EMEI	22	317
	EMPG	22	332
Diretores de Educação Infantil		17	250

Total geral = 3.276 educadores

Encontros teóricos realizados em 1.989.

Alfabetização - Palestra proferida pela profª Telma Weisz.

Escola de Período Integral - palestra proferida pela profª Maria Estela Gracianni e prof. Celso João Ferreti.

Gestão Democrática da Escola - palestra proferida pela profª Maria Amelia Naufal.

Relato de experiência - V. Helena - Profª Madalena Freire Weffort.

Alfabetização na escola de educação infantil- Profª Madalena Freire Weffort.

Encontros regionais realizados em 1.989.

1º Encontro de professores de 1ªs séries do NAE 8 - 20/10

2º Encontro de professores de 1ªs séries do NAE 8 - 30/10

1º Encontro de professores de 1ª série do NAE 2 - 04/12

1º Encontro de grupos de formação de professores de 1ªs séries do NAE - 6 - 23/11